



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de Atos do PAC - Saneamento e Habitação**

Palácio do Planalto, 06 de junho de 2008

Eu não precisaria falar, mas como sei que vocês estão com fome, vou segurá-los um pouco aqui para dizer duas coisas.

Primeiro, quero cumprimentar os governadores aqui presentes,

Quero cumprimentar o Luciano Coutinho, a Maria Fernanda, a Dilma e o Márcio, os ministros aqui presentes,

Os nossos companheiros deputados,

Os nossos senadores,

Os nossos prefeitos,

Vamos voltar o nosso pensamento para março do ano passado. Nós lançamos o PAC no dia 22 de janeiro de 2007. Vamos voltar o nosso pensamento para março de 2007, e vamos perceber que o que está acontecendo hoje é como se estivéssemos fora de uma roda-gigante – eu, particularmente – vendo os prefeitos brasileiros e os governadores sentados nas cadeiras da roda-gigante, e ela não pára de girar. Não parando de girar, significa que vou ver, a cada tantos segundos, passar um prefeito e um governador na minha frente.

O PAC é exatamente essa roda-gigante que não pode parar de girar. Ela tem que girar alguns anos seguidos para que o Brasil consagre a possibilidade de fazer reparação com os pobres deste País. Quando a gente analisa uma pessoa que mora numa palafita ou numa favela, nós só sabemos dizer “coitadinha, mora mal”. Muitas vezes se passa perto da casa dela três meses ou dois meses antes das eleições. Depois, aquele lugar passa a ser inadequado para a gente voltar a visitar. Quando a gente passa e vê “pobre



coitado"... Muitas vezes uma parte dos políticos não conhece, uma parte da imprensa não conhece.

Eu sempre conto um caso, e o Pezão sabe disso, de um depoimento do senador e ex-ministro Dornelles. O Dornelles um dia me disse: "Presidente, eu aprendi..." Ele tinha chegado de um comício com o Sérgio Cabral, e me dizia: "Presidente, eu já fui muita coisa neste País. Eu sempre estive no poder, Presidente, e não tinha dimensão de que a 15 quilômetros da minha casa, no Rio de Janeiro, tinha gente morando em palafitas, em favelas, em lugares totalmente degradantes". Então, eu não culpo quem não conhece, até porque quem nunca morou numa rua sem asfalto não sabe o valor de uma guia, de uma sarjeta, que alguns estados chamam de meio-fio. Quem nasceu no centro da cidade, não sabe o que é uma casa sem luz.

Esses dias, governadores, eu fui a Manaus, e uma mulher de aproximadamente 50 anos de idade veio me abraçar, e disse que eu tinha realizado o maior sonho da vida dela. Eu até pensei que o Márcio tinha dado um carro de presente. Não. Sabem o que era o grande sonho dela? Era a primeira vez na vida que ela ia tomar banho de chuveiro. Uma pessoa de 50 anos de idade, na capital do estado do Amazonas... Acontece que a gente não encontra culpados por isso, não existem culpados.

Eu fico me perguntando: nesses últimos 50 anos, as pessoas que governaram cidades brasileiras, por que deixaram construir tantas casas e tantos barracos em lugares inadequados? Aí, a culpa é da pobreza. É verdade que a pobreza é uma explicação. Mas a verdade é que se a gente tivesse, como diria o doutor Arraes, o sentimento do mundo, quando chegassem 10 pessoas ou 20 famílias, se a gente atacasse aquele problema, tirasse aquelas pessoas e as levasse para outro lugar mais adequado, a gente poderia ter as pessoas continuando pobres, mas certamente não estariam morando na beira de córregos, na encosta de morros, passando não apenas necessidade, mas correndo sério risco de vida.



Vocês estão percebendo que este ato está sendo feito aqui hoje, por uma única razão: é que no começo de julho nós não poderemos mais assinar contratos, porque a eleição neste País, em vez de ser uma coisa importante para consagrar a democracia, faz quem governa ficar um ano sem governar, em quatro anos de mandato. Você tem o dinheiro, você tem a necessidade, você tem as pessoas que precisam, mas pelo falso moralismo deste País, parte-se do pressuposto de que um presidente ou governador assinar um contrato com um prefeito é beneficiar o prefeito. É o lado podre da hipocrisia brasileira, em que você pára um determinado tempo porque causa suspeição.

Graças a Deus, eu conheço pessoalmente vários prefeitos que estão aqui, mas eu duvido que tenha algo mais republicano do que o PAC. Eu duvido que algum prefeito de qualquer partido tenha sido preterido no seu projeto por conta de pertencer a uma organização política diferente da minha. Mas eu já vi manchete de jornais: “Governo privilegia os aliados”. Para dar uma resposta, na semana seguinte eu fui a São Paulo assinar o PAC com o Kassab, que não é meu aliado, e fui assinar o Serra, que não é meu aliado. E olha que o PAC de São Paulo, sozinho, tem mais dinheiro que todos vocês juntos. E as pessoas diziam: “Não, você não pode ir lá, o Kassab é do PFL!” O Kassab é do PFL, mas o povo de São Paulo é brasileiro, antes de tudo, e merece que a gente cuide dele.

O Arruda é o mais esperto dos governadores. O Arruda, de vez em quando, pede uma audiência para mim e vem agradecer as obras do PAC. Eu fico todo feliz. Ele puxa um aparte e fala: “Presidente, e os pedidos aqui?” E vai atochando obras do PAC. E isso é que faz a roda-gigante não parar de girar, porque na hora em que ela parar, todo mundo vai ter que descer e ela vai ficar vazia.

A nossa companheira Maria Fernanda vai apresentar para vocês, em algum momento, o que está sendo feito neste País, do ponto de vista de habitação e do ponto de vista do saneamento básico. E nós vamos perceber



que se nós tivéssemos feito isso durante 15, 20 anos consecutivos, nós não teríamos, Paulo Hartung, as favelas que nós temos. Nós não teríamos capitais maravilhosas sem um metro de coleta de esgoto, nós teríamos as pessoas com água tratada se tivesse apenas uma seqüência. Mas aqui, no Brasil, tem muitas coisas que impedem as coisas acontecerem. Nós quebramos todas elas.

Eu acho que a coisa mais genial do PAC foi juntar os governadores e os prefeitos e dizer: apresentem os projetos. Porque com projeto e essa parceria entre governador e prefeito, a gente também evitou que governadores pudessem ser acusados, como o governo federal, de pegar o dinheiro e não passar o dinheiro para o prefeito porque não era do seu partido. Então, a gente fez uma coisa casada: os projetos foram discutidos juntos. E o que aconteceu? Nós não tínhamos, no Brasil, prateleiras de projetos.

Aqui tem gente que já foi governador, o Camata foi governador do Espírito Santo, sabe que a coisa mais difícil era um estado ter projeto. Por que não tinha projeto? Porque o estado não tinha dinheiro para fazer um projeto, porque sabia que União não tinha dinheiro para financiar aquele projeto, então ele não fazia o projeto porque não tinha dinheiro. E quando começou a ter um pouquinho de dinheiro, a gente entrou numa crise financeira, e então se criou uma coisa chamada “fila burra”. Tinha dinheiro, mas o dinheiro era para fazer o superávit, era um ajuste fiscal incomensurável. E o que acontecia? Os coitados dos prefeitos... normalmente os prefeitos, em época de eleições, apresentam muitos projetos sem nenhuma consequência, porque se o projeto não tiver embasamento, se não for bem feito ele não passa pelo crivo de ninguém. Então, os prefeitos apresentavam os projetos e iam para a fila. Aí, entravam 10 prefeitos com projetos que não tinham procedência, não tinham legalidade, não tinham pé e nem cabeça, eram apenas instrumento eleitoral: “eu fui lá, no governo federal, reivindicar uma coisa”. Aquilo dá discurso para três meses de campanha e para programas de televisão. Aí, aqueles 10 não tinham direito. Aí,



aparecia um outro prefeito que tinha um projeto bonzinho, estava lá com licenciamento prévio, tudo feito direitinho, ele dava entrada, 11º projeto. O governo sabia que aquele 11º tinha direito, que ele poderia tirar os 10 que não tinham direito e emprestar o dinheiro para aquele. É por isso que nós chamamos de “fila burra”. A fila era para evitar que aqueles que tivessem direito também pegassem o dinheiro. E quem perdeu com isso? O povo brasileiro e, sobretudo, a parte mais pobre da população perdeu, e perdeu muito. Este ato aqui é apenas para dizer o seguinte: nós ainda temos, só da Caixa Econômica, até o final deste mês, mais 1 bilhão e meio. Se a gente não fizer os contratos até o comecinho de julho, só vai poder fazer contratos depois das eleições.

Imaginem um país que precisa gerar empregos, um país que precisa gerar renda, um país que precisa fazer tratamento de esgoto, um país que precisa levar água para as pessoas tomarem banho, um país que precisa fazer ruas, imaginem ficar três meses sem fazer nada porque o prefeito não veio aqui buscar o dinheiro. Então, isso é um alerta aos prefeitos e aos governadores que têm que preparar as coisas até o final deste mês, senão a Maria Fernanda vai ficar com o dinheiro na Caixa Econômica Federal; aquele que for do Orçamento, a Fazenda fica doidinha para fazer um superávit maior, quando a gente poderia colocar o dinheiro para gerar aquilo que é a razão do dinheiro: gerar crescimento econômico, gerar riqueza para todo mundo. Então, nós ainda temos um ato destes para fazer.

Do Rio Grande do Sul, faltou gente hoje, faltou prefeito do Rio Grande do Sul. A governadora, acho que tinha que assinar, não sei por que não veio. Então, nós vamos continuar chamando os governadores, chamando os prefeitos, até a data limite. Nós não queremos deixar nenhum centavo do PAC na gaveta. Fazendo o que nós estamos fazendo, eu ainda leio matéria de jornal dizendo que o PAC não está andando! Imaginem se a gente deixa, então, por conta da vontade de alguns.



Eu acho que, no Brasil, as pessoas só vão se convencer do PAC... – os prefeitos eu sei que sabem, os governadores, porque são responsáveis junto conosco – aí, quando a gente for inaugurar obras, eles vão dizer: “Mas esse Lula tem sorte”. Eles nem percebem que teve licitação, que teve contrato, que teve empresa trabalhando, que teve trabalhador ganhando salário; a obra está pronta: “foi sorte”. De qualquer forma, gente, o País está com sorte. Eu disse, agora há pouco ao Arruda, na minha sala: eu acho que a nossa geração, não a geração pela idade, a geração que está governando o Brasil junto, nesses últimos sete anos, é uma geração de sorte porque, finalmente... O Brasil tem tanta sorte que vamos até disputar as Olimpíadas para 2016, no Rio de Janeiro, com ampla chance de ganhar. Nós tivemos sorte de ganhar a Copa do Mundo. Tivemos sorte duas vezes: em 1950, nós sedíamos uma Copa e, agora, 58 anos depois, nós ganhamos outra Copa. E nós queremos continuar com essa sorte tremenda.

E quero, aqui, agradecer aos governadores, que se transformaram em parceiros extraordinários para fazer as coisas acontecerem; e aos prefeitos, que trabalharam, elaboraram projetos, brigaram para as coisas acontecerem. O ano que vem é um ano que não tem eleição, portanto, é o ano em que eu vou viajar pelo Brasil inaugurando as obras do dinheiro que vocês assinaram o contrato hoje. A partir do mês de julho, nós vamos viajar o Brasil, visitando escolas técnicas e universidades federais pelo Brasil afora, vamos viajar pelo Brasil visitando estradas, visitando ferrovias, visitando portos e aeroportos, porque eu acho que essa roda-gigante precisa ganhar velocidade, em vez de parar. E ninguém está pedindo para diminuir a velocidade, ela vai continuar andando forte. Portanto, companheiros governadores e prefeitos, preparem os projetos, porque eu estou percebendo que mesmo com a dureza da Dilma, do Paulo Bernardo e do Guido Mantega quando reúne o pessoal do Orçamento para preparar a discussão comigo, mesmo sendo duros, sempre tem um



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

dinheirinho a mais para uma nova obra do PAC. E é isso que faz o PAC ser o maior investimento produtivo deste País.

Um abraço, boa sorte. E quero ser convidado para a inauguração.

(\$211A)